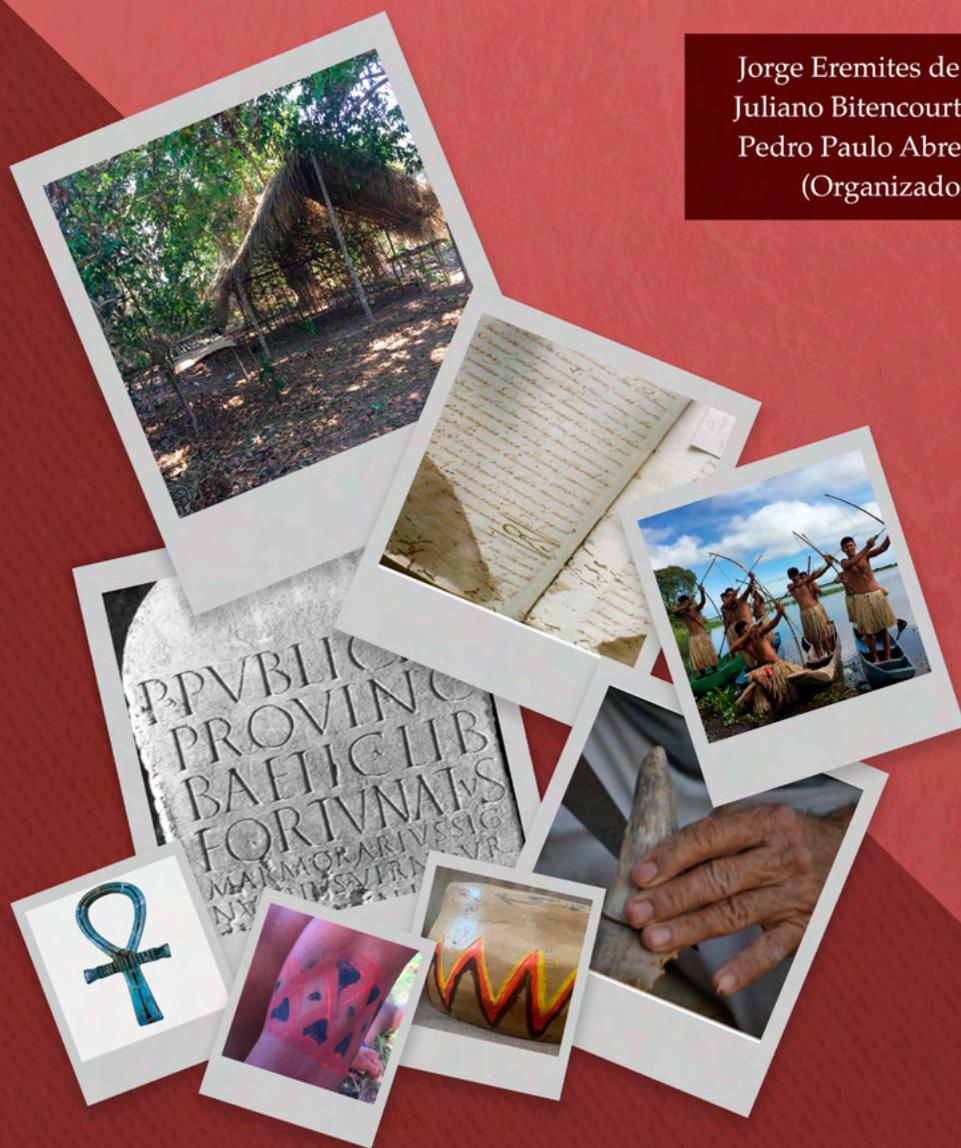


ARQUEOLOGIA:

Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

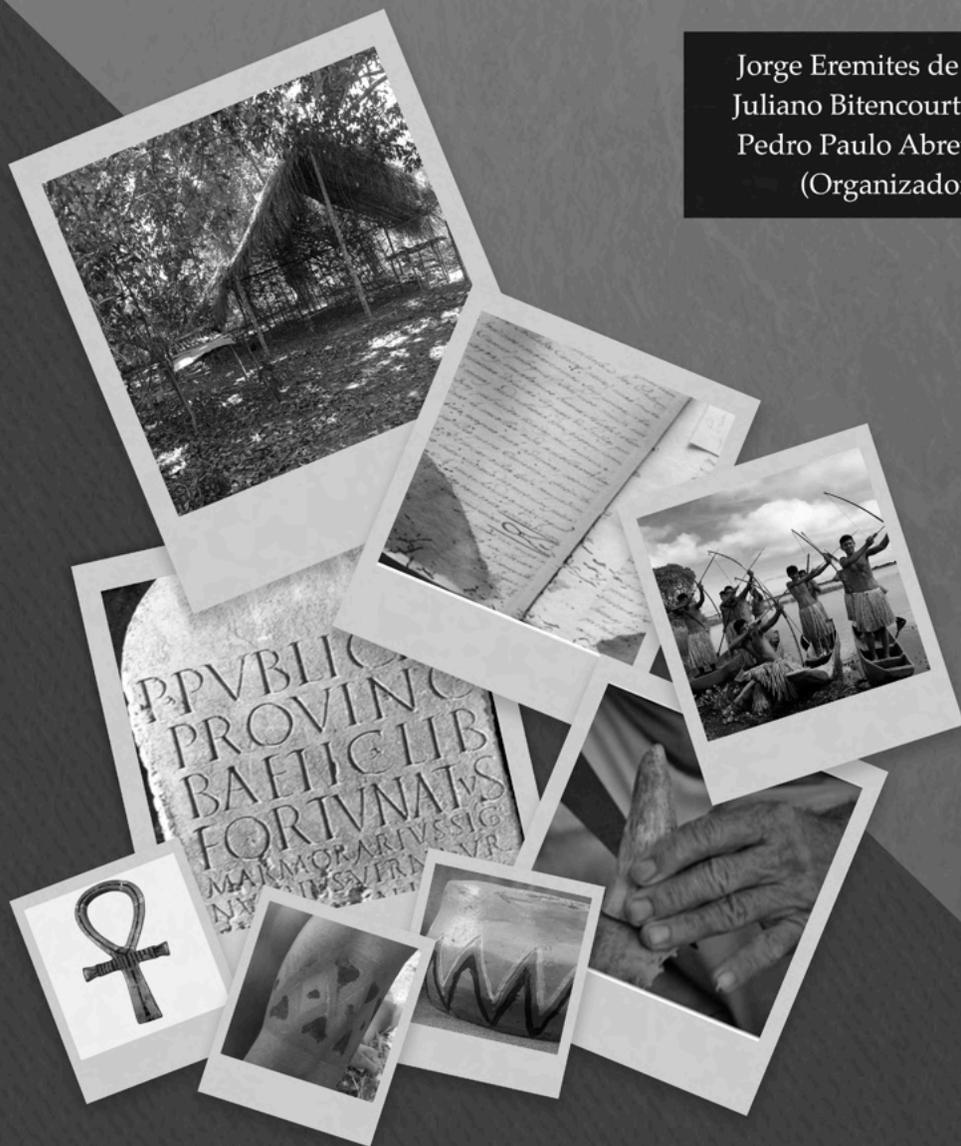
Jorge Eremites de Oliveira
Juliano Bitencourt Campos
Pedro Paulo Abreu Funari
(Organizadores)



ARQUEOLOGIA:

Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

Jorge Eremites de Oliveira
Juliano Bitencourt Campos
Pedro Paulo Abreu Funari
(Organizadores)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

Acervo dos autores

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Jorge Eremites de Oliveira
Juliano Bitencourt Campos
Pedro Paulo Abreu Funari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa 2 / Organizadores Jorge Eremites de Oliveira, Juliano Bitencourt Campos, Pedro Paulo Abreu Funari. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-914-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.148221603>

1. Arqueologia. I. Oliveira, Jorge Eremites de (Organizador). II. Campos, Juliano Bitencourt (Organizador). III. Funari, Pedro Paulo Abreu (Organizador). IV. Título.

CDD 930.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Desde o século XIX, em particular, que a Arqueologia desponta como um dinâmico campo do conhecimento científico que costuma despertar a curiosidade e chamar a atenção de um grande público. Tornou-se imprescindível à compreensão das origens e das múltiplas trajetórias das sociedades humanas, desde longínquas temporalidades na África até sua atual presença em diversas regiões do planeta. Da segunda metade dos oitocentos até as primeiras décadas do século XX, esteve ligada à ideia da construção de identidades nacionais, quer dizer, a projetos de Estado. Mais adiante, tornou-se uma ciência madura e passou a fazer parte de muitas realidades da vida em sociedade. Por isso, cada vez mais está presente, por exemplo, em publicações científicas, na mídia em geral, em representações cinematográficas e no imaginário de milhões de pessoas, mundo afora.

Neste sentido, o livro “Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicas” apresenta uma coletânea de trabalhos que registra parte da pujança da Arqueologia no tempo presente, seja no Brasil, seja em outros países, como em Portugal. A obra está marcada pela pluralidade de temas estudados por experientes pesquisadoras/es e por uma diversidade de perspectivas teórico-metodológicas, as quais são pautadas pela interdisciplinaridade e aplicadas em estudos de interesse a temas variados: acervos arqueológicos, educação patrimonial, sustentabilidade, patrimônio cultural, laudos judiciais sobre terras por tradição ocupadas por povos originários, tecnologias indígenas, percepções sobre o registro arqueológico, antiguidade clássica, direitos humanos, ensino da arqueologia, cartografia, projetos colaborativos, multivocalidade, entre outros.

A obra aqui apresentada destina-se a um público mais amplo, inclusive a pessoas em diferentes níveis de formação acadêmica e vinculadas a campos como os da Arqueologia, claro, mas também Antropologia Social, Geografia, História, Educação, Museologia, entre outras áreas. Volta-se, sobretudo, a pessoas que têm interesse no patrimônio arqueológico, em sua percepção como legado cultural, na materialidade de relações sociais no tempo e espaço, ao visar a convivência e a diversidade.

No caso do Brasil, país que conta, hoje, com dezenas de cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em Arqueologia (alguns com área de concentração em arqueologia), a presente publicação soma a tantas outras que buscam compartilhar experiências que não apenas possuem base empírica consistente, mas que também aspiram a superar o norte epistêmico, incorporar saberes tradicionais e analisar situações históricas até pouco tempo desprezados ou pouco valorizados na academia, prol do convívio solidário.

Por tudo isso, a leitora e o leitor têm em suas mãos uma publicação organizada com esmero em tempos difíceis, marcados por guerras, conflitos assimétricos, crises econômicas e epidemias, um livro que vale a pena conferir.

Boa leitura!

Jorge Eremites de Oliveira
Juliano Bitencourt Campos
Pedro Paulo A. Funari

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO, OS DESAFIOS DO USO DE UM ACERVO ARQUEOLÓGICO

Raquel dos Santos Funari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216031>

CAPÍTULO 2..... 11

INSTITUTO OLHO D'ÁGUA E A SUSTENTABILIDADE CULTURAL: UMA MISSÃO NO TERRITÓRIO DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA

Marian Helen da Silva Gomes Rodrigues

Jorlan da Silva Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216032>

CAPÍTULO 3..... 25

PATRIMÔNIO CULTURAL EM FOCO : ESTUDO DE CASO A RESPEITO DO PATRIMÔNIO CULTURAL RECONHECIDO PELOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO SUL DE SANTA CATARINA

Carolina Porto Luiz

Bruna Cataneo Zamparetti

Lucy Cristina Ostetto

Juliano Bitencourt Campos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216033>

CAPÍTULO 4..... 40

ETNOARQUEOLOGIA NO LAUDO PERICIAL SOBRE A TERRA INDÍGENA BAÍA DOS GUATÓ, PANTANAL DE MATO GROSSO

Jorge Eremites de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216034>

CAPÍTULO 5..... 61

PÃRI – ARMADILHAS DE PESCA UTILIZADAS PELOS KAINGANG NO VALE DO RIO PIQUIRI

Lúcio Tadeu Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216035>

CAPÍTULO 6..... 92

ANÁLISES DE VULNERABILIDADES SOCIOAMBIENTAIS DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE REGIÕES DO LITORAL PAULISTA

Luana Campos

Cristina Fachinni

Aline Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216036>

CAPÍTULO 7	104
«HÁBITOS ELETIVOS, CONTRÁRIOS À VIRTUDE» E «OBRAS DA OMNIPOTÊNCIA DIVINA»: ABORDAGEM TEÓRICA DAS EVIDÊNCIAS DOS ESTADOS ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA NO REGISTO ARQUEOLÓGICO DA IDADE MODERNA EM PORTUGAL	
Miguel Martins de Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216037	
CAPÍTULO 8	123
A CONTRIBUIÇÃO DA EPIGRAFIA LATINA PARA O ESTUDO DOS LIBERTOS NO IMPÉRIO ROMANO	
Filipe Noé da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216038	
CAPÍTULO 9	136
FÚLVIA E AS DEUSAS BÉLICAS EM SUAS MOEDAS	
Tais Pagoto Bélo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216039	
SOBRE OS ORGANIZADORES	148
ÍNDICE REMISSIVO	150

Data de aceite: 01/03/2022

Data de submissão: 10/01/2022

Tais Pagoto Bélo

Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo
São Paulo – SP

<http://lattes.cnpq.br/3017043208778303>
<https://orcid.org/0000-0002-5380-4884>

RESUMO: O objetivo deste trabalho é destacar a personagem Fúlvia, uma mulher da República de Roma, que foi casada com Marco Antônio, e que muitas vezes foi esquecida. Ela liderou tropas e teve força para administrar os negócios de seu marido, enquanto ele estava longe. O artigo mostra que Fúlvia foi atrelada a deusas bélicas em sua iconografia monetária, incorporando a personificação de Vitória/Nike e trazendo consigo Atena ocasionalmente.

PALAVRAS-CHAVE: Fúlvia, deusas, moedas.

ABSTRACT: The purpose of this work is to highlight Fulvia, an often forgotten woman from the Roman Republic who was married to Mark Antony. She was known for leading troops and managing her husband's political affairs while he was away. The paper shows that Fulvia was associated with war goddesses in her monetary iconography by incorporating the personification of Vitoria/Nike and occasionally bringing Athena with her.

KEYWORDS: Fulvia, goddesses, coins.

1 | INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a imagem da mulher romana tiveram seu aparecimento de forma tímida, por ser um assunto novo, em 1962, por meio do trabalho de Balsdon. O olhar feminista e revolucionário veio com a obra *Goddesses, whores, wives and slave*, de Pomeroy, publicada em 1975. Em 1980, mesmo com toda a agitação do movimento feminista, um grande *corpus* de retratos imperiais foi organizado, chamado *Das römische Herrscherbild*, no qual os imperados tiveram uma longa seção e suas mulheres ficaram exemplificadas apenas no final. As mulheres romanas começaram a se sobressair nos trabalhos acadêmicos quando Fittschen e Zanker publicaram, em 1983, um catálogo sobre os retratos das pessoas de Roma, nos *Capitonile Museums of Rome*, sendo o volume, acerca das mulheres o primeiro a ser publicado.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é destacar uma mulher da Antiguidade que muitas vezes foi esquecida, Fúlvia, a qual teve liderança frente a tropas e força para administrar os negócios de seu marido, Marco Antônio, enquanto estava longe. Fúlvia foi atrelada a deusas bélicas em sua iconografia monetária, incorporando a personificação de Vitória/Nike e trazendo consigo Atena em províncias do Leste. Tal abordagem recorre a críticas ao

patriarcalismo romano, considerando que essa proposta de estudo não se desconecta da contemporaneidade, considerando que é a partir do olhar atual, dos valores, crenças e comportamentos vivenciados, e da problemática sobre a atualidade das mulheres, que esse conhecimento se busca no passado. Nessa perspectiva, Shanks e Tilley (1992) enfatizam que estão cientes de que a reconstrução do passado está fundamentalmente situada no contexto do presente, e que as políticas e questões sociais do presente impactam na reconstrução das sociedades do passado (Shanks & Tilley, 1992; Revell, 2016, p. 5).

21 FÚVIA

Fúlvia (84 a.C. – 40 a.C.) parece ter nascido em Tusculum e foi a única filha de M. Fulvius Bambalio (Cic. *Phil.* 3.16) e Semprônia, filha de Sempronius Tuditanus (Asc. *Mil.* 35), mas não é claro qual Semprônia foi a mãe dela (Welch, 1995, p. 197) porém não deixa de ser possível que a mãe de Fúlvia tenha sido a irmã da Semprônia¹ da Conspiração de Catilina (Bauman, 1992, p. 83). Em relação a família do seu pai, Fulvii, que era uma família distinta, que teve L. Fulvio Curvo como cônsul, em 322 a.C. Seu pai, Bambalio foi demitido por M. Tullio Cícero, aquele orador e político, como um homem insignificante (Cic. *Phil.* 3.16; Weir, 2007, p. 3). Babcock (1965) acredita que ela fosse rica. Ela era a última de cada uma das linhagens Fulvii e Sempronii Tuditani. Consequentemente, sua herança não seria desprezada por nenhum jovem nobre de hábitos caros e de renda escassa (Babcock, 1965, p. 3 – 5).

Fúlvia foi viúva de Públio Clódio Pulcro, com o qual teve uma filha, que foi a primeira esposa de Otávio César, Clodia. Ela levou uma grande soma de dinheiro para o dote do casamento com P. Clódio Pulcher (Brennan, 2012, p. 357), que seu *transitio ad plebem* apenas enfatizava sua origem patrícia através da ligação que tinha com a família Cláudia, ou seja, ele era filho e neto de cônsul, neto de juiz e irmão de futuro cônsul juiz, além de que suas três irmãs se casaram com cônsules (Babcock, 1965, p. 3). Clódio acabou por ser tribuno em 58 a.C. (Weir, 2007, p. 2). Ele foi um político que era extremamente popular entre o povo (Val. Max. 3.5.3), depois de se tornar tribuno, em 58 a.C.; consequentemente, ele foi considerado um demagogo (Plut. *Ant.* 10.1).

Depois que Clódio morreu violentamente nas mãos de seu adversário político, Milo, em 52 a.C., Fúlvia se casou com Gaio Scribonio Curio, por volta de 51 ou 49 a.C. Ele também era popular entre os plebeus (Weir, 2007, p. 7), tinha vindo de família que havia alcançado o consulado apenas com seu pai em 76 a.C. (Babcock, 1965, p. 3) e foi um tribuno em 50 a.C.; mas, segundo Weir (2007), isso ocorreu em 49 a.C. Brennan (2012) saliente que ele teve papel crucial na guerra civil junto a César. Além disso, ele foi como

1 A Semprônia da Conspiração de Catilina, assim como Fúlvia, foi retratada como aquela que adotou papéis inapropriados de gênero; ela cometeu crimes de ousadia masculina, repudiou suas dívidas e tomou a iniciativa em questões sexuais, sem qualquer consideração pelas virtudes “femininas” de modéstia, castidade e sobriedade (Hemelrijk, 1999, p. 86).

tribuno ao Norte da África, durante o conflito civil para seguir César (Brennan, 2012, p. 357). Provavelmente, Curio tinha ligação com Clodio, uma vez que Cícero lhe escreveu em 53 a.C. pedindo suporte para o caso da eleição de Milo para o Consulado (Cic. *Fam.* 2.6.3), mas Curio já estava dando apoio a Clodio (Cic. *Att.* 2.12.2; Dio, *Roman History*, 38.16.4). Curio foi morto pelo exército de Juba, rei da Numidia, enquanto lutava para César, na África, em 49 a.C. (App. *B. Civ.* 2.7.45; Weir, 2007, p. 6).

Logo depois da morte de Curio, Fúlvia se casou com Marco Antônio - por volta de 45 a.C., segundo Babcock (1965); e 46 a.C., segundo Weir (2007) - que também era amigo de Clodio (Cic. *Phil.* 2.48) e Curio (Cic. *Phil.* 2.45; Huzar, 1978, p. 26; Tatum, 1999, p. 116; Weir, 2007, p. 7), sendo que Cícero acabou tendo rivalidade com os três maridos de Fúlvia (Weir, 2007, p. 37). Antônio tinha origem antiga e obscura, parece ter vindo de uma família da nobreza plebeia, que voltou a se fortificar no início do primeiro século (Babcock, 1965, p. 3). Ele já tinha se tornado tribuno antes do casamento, em 49 a.C., comandou o exército de César em Pharsalus, em 48 a.C., e se tornou Mestre de Cavalo, em 47 a.C.; co-cônsul com Júlio César em 45 a.C. (Moore, 2017, p. 53) e cônsul, em 44 a.C. (Weir, 2007, p. 2 e 7). O que parece é que ele tinha dois avôs consulares, um era juiz; além de dois tios, que um deles também se tornou juiz (Babcock, 1965, p. 3). Fúlvia teve dois filhos com Antônio: M. Antônio Antilo, quem foi escolhido por Otávio para se casar com sua filha Júlia, em 36 a.C., mas foi morto em 31 a.C.; e Lúlio Antônio, quem se casou com Marcella, sobrinha de Augusto e alcançou o consulado em 10 a.C., mas foi morto em 2 a.C. (Brennan, 2012, p. 357). Todos os maridos de Fúlvia tinham uma carreira promissora e com conexões familiares que a levaria a um bom casamento (Babcock, 1965, p. 3).

3 | A IMPORTÂNCIA DE FÚLVIA E SUAS MOEDAS

Fúlvia foi uma mulher influente que teria mostrado características de liderança e que estava envolvida em negócios militares enquanto estava na Gália. Ela teve um papel ativo para administrar as políticas de Antônio, depois que ela assumiu o controle de afazeres no Leste. Além disso, ela suportou a causa de seu marido em Roma, junto com o irmão de Antônio, Lúcio, durante a Guerra Perusine (41 – 40 a.C.), em que ela teve considerável influência político-militar e lançou ataque e que Barrett (2002) menciona que ela pegou em espada e propagou palavras de ordem, fez um discurso para os soldados e deu conselhos de guerra para senadores e cavaleiros. Esta última ação deve ter sido interpretada como a pior coisa feita por ela na interferência da lealdade das tropas (Barrett, 2002, p. 117). Segundo Brennan (2012) seu comportamento foi extremamente transgressivo. De acordo com Dião Cássio, Fúlvia se acostumou a conduzir todas as suas deliberações com ajuda de Antônio e seu irmão Lúcio, e de até enviar ordens para onde fosse preciso; além disso, ninguém deveria, a esse ponto, se surpreender com ela, pois ela já estava se armando com espada, dava ordens e discursos aos soldados (Brennan, 2012, p. 360); ela foi para essa

guerra com suas crianças, se armou e lançou ordens militares (Dio, *Roman History*, 48.10).

A importância de Fúlvia a levou a ser a primeira romana a ter sua imagem retratada em moedas logo depois que Júlio César apareceu cunhado, em 44 a.C. Harvey (2020) menciona que sua figura apareceu primeiramente sob a personificação de Vitória/Nike, porém a identificação, se é ou não Fúlvia, é questionável (Harvey, 2020, p. 18).

A deusa Vitória foi antes de tudo a Nike grega, as duas são as deusas da vitória, mas uma é romana e a outra grega. Nike era filha de Titan Pallas e Styx, a ninfa presente no rio do submundo. Ela era reconhecida por suas asas, em sua mão esquerda ela segurava uma coroa de louro, e na direita um ramo de palmeira. Nas esculturas da Antiguidade ela era normalmente conectada com as estátuas colossais de Zeus ou Pallas-Atena, mas ela era de tamanho natural, sobre uma bola, e sobre a palma da mão aberta da divindade que a acompanhava. As vezes ela era ligada às inscrições de vitória nos escudos dos conquistadores, com seu pé direito ligeiramente levantado. A Nike foi altamente honrada como Vitória pelos romanos, os quais a atrelavam às suas conquistas. O santuário principal da deusa era o do Capitólio, onde era comum que os generais, depois de terem sucesso em batalha, fossem erigir estátuas a ela em comemoração a suas vitórias, e uma delas foi aquela construída por Augusto depois da batalha de Ácio (Berens, 2009, p. 98 – 99)

Segundo Barrett (2002), moedas de Fúlvia apareceram cunhadas em Lugdunum, por volta dos anos 40 a.C., com o nome de Antônio no reverso, e que possuíam um busto alado na figura feminina do averso. O tipo apareceu em moedas que a imagem feminina tinha o cabelo tipo nodus, que poderia sugerir uma mulher mortal, possivelmente Fúlvia, mulher de Marco Antônio, por estar ligada às conquistas da Gália. No mesmo período, casas de moedas de Roma passaram a fazer o mesmo busto de Vitória com cabelo tipo nodus, parecendo que foi inspirada no tipo de Lugdunum (Barrett, 2002, p. 140).

A próxima moeda é um quinário, cunhado na Gália Cisalpina e Transalpina, em 43 e/ou 42 a.C. De acordo com Brennan (2012) Antônio usou Fúlvia como modelo para o rosto de Vitória, sendo a primeira imagem em moeda de uma mulher. No reverso se encontra o leão, símbolo do nascimento de Antônio (Brennan, 2012, p. 358), o qual estava comemorando seu quadragésimo primeiro aniversário.



Fig.01: Quinário² da Gália Cisalpina e Transalpina, 43 – 42 a.C. Anverso: busto de Fúlvia como a personificação de Vitória voltado à direita. Legenda: III·VIR·R·P·C (Triumviri Rei Publicae Constituendae = Triunvirato para a Restauração do Governo³). Reverso: leão andando, com borda de pontos. Legenda: ANTONI IMP XLI (Antoni Anno Unquarantesimus Imperator = Imperador Antônio, [comemorando] seu quadragésimo primeiro [aniversário]⁴).⁵

Cortesia da *American Numismatic Society*

A falta de uma legenda de identificação pode levar a uma gama de interpretações (Harvey, 2020, p. 39). E não se tem uma deliberação concreta e um acordo de que seja realmente Fúlvia. E se o busto for mesmo de Fúlvia, isso marca a primeira retratação feminina em moedas de Roma, representando uma inovação, pois mesmo os triúmviros apenas apareceram em moedas na metade dos anos quarenta antes de Cristo (Barrett, 2002, p. 140; Kahrstedt, 1910, p. 291 – 292; Kleiner, 1992, p. 358 – 360; Wood, 1999, p. 41; Bartman, 1999, p. 37 e 58). A explicação de que Fúlvia pode ter aparecido como a personificação de Vitória, segundo Harvey (2020), seria devido às suas ações, o que refletiria sua influência política e a lealdade das tropas e dos magistrados por Antônio, atitude que abriu espaço para outras mulheres na esfera pública (Harvey, 2020, p. 39).

Dessa forma, as primeiras moedas feitas potencialmente com o retrato de Fúlvia foi o *quinarii* de prata cunhado em 43 a.C., em Lugdunum (atual Lion), por volta do mesmo período que Antônio se tornou governador da Gália Comata e Gália Cisalpina. Posteriormente, em 41 a.C., foi cunhado um aureus por C. Numonius Vaala, com uma imagem similar a de Lugdunum (Harvey, 2020, p. 35 – 36). E esse tipo de moeda parece ter ecoado no Leste (Barrett, 2002, p. 140).



Fig.02: Aureus⁶ cunhado por C. Numonius Vaala, Roma, 41 a.C., de 8,1g. Busto aceito como se fosse de Fúlvia como Vitória no anverso. Legenda do reverso: C. NUMONIUS VAALA.

© The Trustees of the British Museum

2 Referência: RRC: 489/6, disponível em: <http://numismatics.org/collection/1944.100.4491>, acessado em: 21/07/2021.

3 Disponível em: <https://en.numista.com/catalogue/pieces66597.html>, acessado em: 29/06/2021.

4 Disponível em: <https://en.numista.com/catalogue/pieces58848.html>, acessado em: 11/07/2021.

5 Disponível em: <http://numismatics.org/crro/results?q=489%2F6>, acessado em: 29/06/2021.

6 Registration number: R.9272; C&M catalog number: RR1p570.4215; Museum number: R.9272. Available at: https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3071501&partId=1&searchText=Vaala&page=1, accessed in: 18/01/2020.

Esse aureus possui em seu anverso o busto de uma figura feminina alada, que é um atributo da deusa Vitória. As características do rosto e iconografia são opostas ao de uma deusa, mas feitas com uma beleza significativa, mas que não é uma beleza divina. O penteado é aquele do tipo *nodus romano*, utilizado pelas matronas, identificando-a como uma mulher romana. Grueber (1910) não acredita que seja Fúlvia, pois no período que foi cunhada, Antônio não havia recebido essa honra, mas na Gália Cisalpina e Transalpina começaram a cunhar suas moedas por volta de 43 a.C. e em Roma por volta de 42 a.C. (Harvey, 2020, p. 36 - 37).

O aureus cunhado por C. Numonius Vaala tinha uma longa tradição de seleção de tipos que ilustravam os destaques de sua história familiar, e este raro aureus não era exceção. No reverso há um soldado guerreando, ou um *promachos*, o qual se encontra na primeira linha de batalha ou seria um soldado correndo ou fazendo força contra uma “muralha,” segurando um escudo com a mão esquerda e uma espada com a direita, contra dois soldados que estão segurando um escudo com a mão esquerda e erguendo espadas com a mão direita. A inscrição C. Numonius Vaala seria o nome do dono da casa de moedas. Dessa forma, presumivelmente, essa ilustração poderia ser uma homenagem ao ato de heroísmo de um ancestral, uma vez que o cognome Vaala, vem de *vallum* (Crawford, 1975, p. 523). O que parece é que o reverso não tem ligação direta com a ilustração do anverso e nem com os atos de Fúlvia, pois tal desenho aparece em outras cunhagens, que não são ligadas à Fúlvia.

Moedas de Fúlvia também foram cunhadas na província da Frígia, na cidade de Eumenéia (*Isheklí*), que foi fundada por Attalus II, de Perganum, por volta de 159 – 138 a.C., para contrabalançar a cidade vizinha Peltae, que era uma fortaleza Seleucida. O fundador a nomeou de acordo com o nome de seu irmão Eumenes. O território dessa cidade consistia em uma rica planície entre o baixo Glaucus e sua junção com o alto Maeander. Nessa planície havia, em Attanassos, o Hieron de um dos deuses nativos da Frígia. As primeiras moedas cunhadas em Eumenéia eram de bronze do segundo século antes de Cristo (Head, 1906, p. lx)

Eumenéia trocou seu nome em homenagem a Fúlvia, (Zager, 2014; Harvey, 2020; Barrett, 2002, p. 140). Esta informação é encontrada em trabalhos como o de Zager (2014) e Harvey (2020) sem maiores explicações de como ocorreu a troca do nome da cidade em questão. O que parece é que Antônio foi quem conferiu o nome de sua mulher, Fúlvia, a cidade de Eumenéia (Head, 1906, p. 213). Para Brennan (2012), Antônio deu apoio à troca de nome da cidade para “Fulviana” em homenagem a sua mulher, ato que foi o primeiro desse tipo a ser feito para uma mulher. Depois dessa troca de nomes as moedas do local começaram a ser cunhadas com o nome de “Fulviana” e uma contramarca com o nome antigo, Eumenéia (Brennan, 2012, p. 358). Segundo Head (1906), com essa troca de nomes da cidade, e depois de um século e meio de cunhagem de moedas locais com inscrição EVMENEWN, a legenda passou a ser, FOVLOVIANWN (Head, 1906, p. lxi), além

de que essa cunhagem de moedas de Fúlvia ocorreu por volta de 41 a.C.



Fig.03: Moeda de Fúlvia,⁷ Frígia, Eumenéia, 41 – 40 a.C. Averso: busto drapeado de Fúlvia como Vitória/Nike. Reverso: coroa de Hera. Legenda: [F]OULOU I/ANWN/ZMEPTOI.⁸

Cortesia do *WildWinds*

A figura anterior é uma moeda cunhada na Roma provincial, na região da Frígia, mais especificamente na cidade de Eumenéia, datada de aproximadamente 41 a 40 a.C., que apresenta no anverso uma figura feminina com o busto voltado à direita e que parece ser a representação de Fúlvia como Nike/Vitória. Em seu anverso há uma coroa de Hera e em seu centro a legenda, [F]OULOU I/ANWN/ZMEPTOI.

Portanto, esta é uma prova do enaltecimento que Fúlvia obteve. De acordo com Grether (1946), essas moedas foram batidas para adular Marco Antônio (Grether, 1946, p. 223). E mesmo Livia, no início do governo de Augusto, nunca teve suas moedas cunhadas em Roma, mas em províncias gregas do Leste, já se tinha o hábito de comemorarem mulheres reais helenísticas em moedas, durante o período de IV a II a.C.; o que pode ter influenciado o início da cunhagem de mulheres em moedas romanas (Harvey, 2020, p. 18).



Fig.04: Moeda da Frígia, cidade de Eumenéia, 41 - 40 a.C. Averso: figura feminina alada. Reverso: Atena, [Z]MEPTOIΓOΣ/[Φ]IΛΩNIΔOY.⁹

Cortesia do *Classical Numismatic Group*

Essa última moeda também foi cunhada em Eumenéia, datada de aproximadamente 41 a 40 a.C., que apresenta no anverso uma figura feminina, com o busto voltado à direita e que repete a personificação de Fúlvia como Nike/Vitória. No reverso se encontra outra figura feminina, que seria Atena, segurando um escudo com o braço esquerdo e uma lança com a mão direita, além da legenda: [Z]MEPTOIΓOΣ/[Φ]IΛΩNIΔOY. As ações de Fúlvia

⁷ Referência: RPC I 3140; SNG Cop -; SNG von Aulock 8367; BMC Phrygia

⁸ Disponível em: <https://www.wildwinds.com/coins/imp/fulvia/i.html>, https://www.wildwinds.com/coins/imp/fulvia/RPC_3140.jpg e https://www.wildwinds.com/coins/imp/fulvia/RPC_3140.txt, acessado em 30/06/2021.

⁹ ID: 79000614. Denominação AE14. Referências: RPC 3139, SNG München – cop – Classical Numismatic Group. Disponível em <http://www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=127125> e http://www.coinproject.com/coin_detail.php?coin=247324.

são pertinentes às representações que são dedicadas a ela nessas moedas, como Vitória/Nike e Atena.

Atena era filha de Zeus, que na mitologia sempre se mostrou de acordo com seu pai ou do seu lado, sendo leal a ele, mas também como um instrumento dele, sendo vista como filha e pai em um só e tirando dele seus melhores conselhos. Ela era uma deusa vista como reconciliadora entre os homens e os deuses e entre os homens e as mulheres. Tanto na *Teogonia* de Hesíodo (924-926) quanto no hino homérico à Atenas, ela nasceu da cabeça inchada de Zeus, já vestida com seu equipamento de batalha. A aparência de Atena era tão potente quanto a arma de Zeus, e os dois juntos eram invencíveis. Atena foi tratada como o filho amado de Zeus na literatura épica e foi descrita com as armas de um homem, elmo, lança e escudo. E como um rei, ela residia em um palácio em Erechtheus. Ela era adepta a habilidades masculinas, domesticando cavalos, fundindo o bronze, cuidando das oliveiras, além de que ela guiou uma carroça e lutou do lado de seu pai na batalha contra os gigantes. Adiciona-se que ela conduziu os heróis da terra do sol para o submundo e era capaz de os fazer imortais. Ela era geralmente invocada depois de seu pai e antes de Apolo. Essas três deidades eram quem poderia usar o *aegis*,¹⁰ e o balançava para produzir medo na *Iliada*. Além de que as três deidades representavam a manifestação extrema do patriarcado (Harrison, 1912). Como filha de Zeus e Metis, ela era dotada de uma dose extra de sabedoria que a capacitava a se conter e a não se perder no mundo. Na arte grega em geral, Atenas não deixa de aparecer com o helmo, a lança, escudo e pronta para a guerra. Ela era, em sua maioria, acompanhada nas artes por Zeus (Neil, 2001, p. 219 – 220 e 223). O fato de Atena acompanhar Fúlvia, diverge com Marco Antônio, uma vez que ele era sempre atrelado a Dioniso no Leste.

A representação de Atena e personificação de Vitória/Nike em moedas de Fúlvia pode marcar a liderança bélica dessa mulher, que poderia trazer em suas concepções uma aparência dúbia, feminina ou masculina. As características de Atena são em sua maioria masculinas, assim como as armas, a liderança, a inteligência e a belicosidade, que no Leste poderiam ser aceitas como femininas, diferente do centro, que seria Roma. Contudo, a lealdade e o dom da reconciliação eram características extremamente femininas para Roma, mas atrelada a mulher dentro de seu casamento. A imagem de Atena em moedas de Fúlvia poderia demonstrar a força, a determinação e o poder que ela levou enquanto estava em uma disputa com Otávio na Guerra Perusine. Essas características podem, por vezes, elucidar quem ela era e não enfatizar a questão masculina ou feminina de tal personagem, levando em consideração que a moeda era, primeiramente e especialmente, uma homenagem à Fúlvia.

¹⁰ Um escudo ou peitoral emblemático da majestade que foi associado a Zeus e Atenas. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/aegis>, acessado em: 28/06/2021.

4 | CONCLUSÃO

Costuma-se pensar as deidades femininas como seres ligados quase sempre às tarefas das mulheres, como a maternidade e ao matrimônio. Entretanto, quando se impõem essa concepção, quer dizer que já está arraigado uma interpretação de um modelo social patriarcal, em que os papéis dos homens e das mulheres estão totalmente definidos (López, 2011, p. 61). Entretanto, a presença de estereótipos de gênero em uma sociedade não diz respeito a como tais mulheres são de verdade, mas ao que a maior parte da sociedade acredita ser o certo para uma mulher ou homem agir. Dessa forma, deve-se ter em mente que mesmo a elite romana fazia parte de um grupo complexo de pessoas e que nem todas agiam da forma como se era esperado, como Fúlvia, que não foi realçada como a matrona romana ideal.

As representações de Fúlvia em moedas se distinguem sobremaneira de outras representações femininas, como as de Lúvia, que foi sempre ligada às deidades que caracterizavam a matrona, a esposa e a mãe. Fúlvia aparece em todas as moedas como a personificação de Vitória/Nike, o que acentua os caracteres comportamentais diferentes da matrona. Suas deidades estão vinculadas com atividades bélicas, poderosas, ligadas ao exercício da soberania, da conquista, as quais eram comumente atreladas ao homem romano, aquele *vir*, e que seriam intoleráveis a uma mulher. López (2011) salienta que desde os primórdios dos tempos romanos as deusas apresentavam atributos que lembravam esses exemplos de mulheres idealizadas, ou seja, os estereótipos femininos. A estudiosa diz que havia as deusas ligadas à guerra, ao poder e a liderança, mas quanto mais elas ganhavam poder masculino, elas iam perdendo força, de modo que a guerra e a tutela passaram a ser atributos dos deuses, quase exclusivamente. Nesse meio tempo, surgiram novas deusas, cujo culto se ligava a atividades maternas, ou se desposava das velhas divindades femininas para reduzi-las a proteção das mulheres em trabalhos de parto e às funções domésticas (López, 2011, p. 61).

Outra coisa que chama a atenção nas moedas de Fúlvia é que sua imagem aparece sempre sozinha no anverso, sem a presença masculina, demonstrando que a homenagem é direta a sua pessoa e seus atos, sem considerar Marco Antônio e sua posição, com exceção daquela moeda que no reverso aparece a legenda ANTONI. Ao contrário das moedas de Fúlvia, as moedas de Otávia, irmã de Otávio e esposa de Antônio depois de Fúlvia, enfatizava a perspectiva masculina de Marco Antônio, demonstrando o indivíduo masculino no anverso, e o feminino sempre em segunda instância, no reverso ou do lado inferior ao masculino, com legendas enfatizando-o e não a ela.

As ações das mulheres romanas ligadas ao Patronato poderiam ter favorecido as províncias do Leste, o que poderiam ter sido fundamentais para fazer com que tais regiões as homenageassem e, conseqüentemente, as cunhassem em suas moedas. Logo, os atos de Fúlvia poderiam ter contribuído para sua figura ter aparecido como a personificação

da deusa Nike/Vitória, uma vez que a caracterização da figura de uma mulher como uma deusa a aproximaria de um respeito ligado a *pudicitia*. De outra forma, a marca da Vitória foi sempre um símbolo masculino, ligado ao triunfo e a *virtus*, características que poderiam estar ligadas ao ato de coragem e decisão de Fúlvia e não ao consenso da matrona romana ideal, que carregava em suas representações símbolos ligados a fertilidade, segurança e estabilidade hereditária, uma vez que se esperava que o papel dessas mulheres seria garantir herdeiros, mas também de tomar conta da casa, das coisas do marido, além da lealdade.

Pelos critérios ideológicos comuns da sociedade romana, Fúlvia também foi caracterizada como uma mulher leal, a qual fez tudo para garantir o futuro político do marido, zelando por seu casamento, defendendo seu marido contra Otávio, mesmo que Antônio estava com Cleópatra. Ela cumpriu seu papel com honra e assim foi homenageada. Contudo, isso não quer dizer que os atos de Fúlvia não foram criticados. Fúlvia morreu acusada de ter sido responsável pelas divergências entre Otávio e Antônio (Plut., *Ant.*, 30.1; Dio, *Roman History*, 48. 2 – 4), o que mostra o resultado de uma manipulação parcial da memória dessa mulher, por meio da ênfase em fatos descontextualizados e que até demonstram uma deslegitimação da mulher para que os autores antigos pudessem moldar uma história que fosse de acordo com seus interesses contingentes e ajustada às suas visões políticas (Rohr Vio, 2015, p. 77) e de gênero.

REFERÊNCIAS

AUTORES ANTIGOS

APPIANUS. 1477. **Historia Romana – De bellis civilibus**. Translated by Petrus Candidus Decembris. Venice: Bernhard Maler, Erhard Ratdolt and Peter Löslein.

ASCONIUS. **Commentaries on five speeches of Cicero**. Simon Squires. Wauconda: Bolchazy-Carducci Publishers, Inc.

CASSIUS DIO. 1925. **Roman History**. Edited by E. Cary, London, G. B. Putman.

CICERO. 1912/1919. **Letters to Atticus**. Translated by: Winstedt, E. O., M. A. London: William Hernemann and New York: G. P. Putnam's son.

_____. 2004. **Epistulae Ad Familiares**. Edition and translation by: Skackleton Bailey, D. R. Cambridge: Cambridge University Press.

CICERONIS, M. Tulli. 1918. **Orationes: Pro Milone; Pro Marcello; Pro Ligario; Pro Rege Deiotaro; Philippicae 1-14**. Anotações e críticas de Clark, A. C. Oxford: Oxford University Press.

VALERI MAXIMI. **Valeri Maximi Facta et dicta memorabilia**. Briscoe, J. (ed.). Stuttgart: Teubner, 1998.

PLUTARCH. 1965. **Makers of Rome**. Scott-Kilvert, Ian (translated and introduction), London: Penguin Books.

REFERÊNCIAS

BABCOCK, C. L. 1965. *The early career of Fulvia*. In: **The American Journal of Philology**, v. 86, n. 341. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

BALSDON, J. P. V. D. 1962. **Roman women**. New York: The John Day Company.

BARRETT, A. A. 2002. **Livia: first lady of Imperial Rome**. New Haven: Yale University Press.

BARTMAN, E. 1999. **Portraits of Livia: imaging the imperial woman in Augustan Rome**. Cambridge.

BAUMAN, R.A. 1992. **Women and Politics in Ancient Rome**. London: Routledge.

BERENS, E. M. 2009. **The myths & legends of Ancient Greece and Rome**. (Ed. S. M. Soares). MetaLibri, v1.0p.

BRENNAN, C. T. 2012. *Perceptions of women's power in the Late Republic: Terentia, Fulvia, and the generation of 63 BCE*. In: James, S. L. & Dillon S. (eds.) **A companion to women in the Ancient World**. Oxford: Wiley-Blackwell, a John Wiley & sons, Ltd, publication.

CROWFORD, Michael H. 1975. **Roman Republic coinage**. Cambridge: Cambridge University Press. v. 1.

FITTSCHEN, K. & ZANKER, P. 1983. **Katalog der römischen portraits in den Capitolinischen Museen und den anderen kommunalensammlungen der Stadt Rom 3, Kaiserinnen und Prinzessinnenbildnis, Frauenporträts**. Mainz an Rhein: Verlag Philipp von Zabern.

GRETHER, G. 1946. *Livia and the Roman Imperial Cult*. In: **The American Journal of Philology**, v. 67, n. 3, pp. 222 – 252.

GRUEBER, H. A. 1910. **Coins of the Roman Republic in the British Museum**. v. 1. London: British Museum.

HARRISON, Jane E. 1912. **A study of the social origins of Greek religion**. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 500 – 502.

HARVEY, T. 2020. **Julia Augusta: images of Rome's first empress on the coins of the Roman empire**. London and New York: Routledge: Taylor & Francis Group.

HEAD, B. V. 1906. **Catalogue of Greek coins of Phrygia**. London: Oxford University Press.

HEMELRIJK, E. A. 1999. **Matrona docta: educated women in the Roman elite from Cornelia to Julia Domna**. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group.

HUZAR, E. G. 1978. **Mark Antony: A Biography**. Minneapolis: University of Minnesota Press.

KAHRSTEDT, V. 1910. *Frauen auf antiken Münzen*. **Klio** 10: 261 – 314.

KLEINER, D. 1992. *Politics and gender in the pictorial propaganda of Antony and Octavian*. **EMC** 36: 357 – 358.

LÓPEZ, R. M. C. 2011. *La matrona y las mujeres de la Roma antigua. Um estereotipo feminino a través de las imágenes religiosas y las normas legales*. In: **Mujeres em la Historia, el arte y el cine: discursos de género, variantes de contenidos y soportes: de la palabra al audiovisual**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. pp. 55 – 70.

MOORE, Katrina. 2017. **Octavia Minor and the transition from Republic to Empire**. Dissertação (mestrado em História da Arte) – The Graduate School of Clemson University, Clemson, South Carolina, USA. Disponível em: https://tigerprints.clemson.edu/all_theses.

NEILS, Jenifer. 2001. *Athena, alter ego of Zeus*. In: DEACY, Susan & VILLING, Alexandra (eds.). **Athena in the Classical world**. Leiden, Boston, Köln: Brill.

POMEROY, S. B. 1975. **Goddesses, whores, wives and slaves: women in Classical Antiquity**. Belin: Schocken Books.

REVELL, L. 2016. **Ways of being roman: discourses of identity in the roman west**. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books.

ROHR VIO, Francesca. 2015. *Dux femina: Fulvia in armi nella polemica politica di età triunvirale*. In: Rohr, F. & Lucchelli, T. M. **Viris Militaris: rappresentazione e propaganda tra Repubblica e Principato**. Trieste: Edizioni Università di Trieste. pp. 61 – 89.

SHANKS, M.; TILLEY, C. 1992. **Reconstructing Archaeology: theory and practice**. 2nd ed. London, Routledge.

TATUM, W.J. 1999. **The Patrician Tribune: Publius Clodius Pulcher**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.

WEIR, Allison J. 2007. **A study of Fulvia**. A thesis submitted to the department of Classics, in conformity with the requirements for the degree of Master of Arts. Kingston, Ontario: Queen's University.

WELCH, K.E. 1995. *Antony, Fulvia, and the Ghost of Clodius in 47 B.C.* In: **G&R** 42, n. 2, pp. 182-201.

WOOD, S. E. 1999. **Imperial women: a study in public images, 40 BC - AD 68**. Leiden, Boston, Köln: Brill's Scholars' List.

ZAGER, I. 2014. **The political role of women of the Roman elite, with particular attention to the autonomy and influence of the Julio-Claudian women (44 BCE to CE 68)**. Submitted in accordance with the requirements for the degree of Master of Arts, in the subject of Classical Studies, at the University of South Africa.

SOBRE OS ORGANIZADORES

JORGE EREMITES DE OLIVEIRA - Licenciado em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre e Doutor em História/Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e concluiu estágio de pós-doutoramento em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professor e pesquisador na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Na mesma instituição, faz parte do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Também é bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e possui experiências nas áreas de Arqueologia, Antropologia Social e História, com ênfase em Etnoarqueologia, Etnologia Indígena e Etno-história, bem como na produção de laudos administrativos e judiciais sobre terras indígenas no Brasil.

JULIANO BITENCOURT CAMPOS - Doutor em Quaternário, Materiais e Culturas pela Universidade de Tras-os-Montes e Alto-Douro, Portugal (UTAD), com reconhecimento de diploma no Brasil de Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (PPGCA/UNESC). Especialização em Arqueologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai (URI/RS). Graduado em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Atualmente é professor e pesquisador vinculado ao Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e nos cursos de História, Geografia, Biologia. Pesquisador do Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS/UNESC). Pesquisador do Núcleo de Estudos Étnico-raciais, Afro-brasileiros, indígenas e de Minorias (NEAB/UNESC). Consultor Científico na ARQUEOSUL Arqueologia e Gestão do Patrimônio. É sócio efetivo na Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Pesquisador associado ao Instituto Terra e Memória (ITM) e Centro de Geociências da Universidade de Coimbra - Portugal. (SAB).

PEDRO PAULO A. FUNARI - Bacharel em História (1981), mestre em Antropologia Social (1986), doutor em Arqueologia (1990), pela USP, livre-docente em História (1996) e Professor Titular (2004) da Unicamp. Professor de programas de pós da UNICAMP e USP, Distinguished Lecturer University of Stanford, Research Associate – Illinois State University, Universidad de Barcelona, Université Laval (Canadá). Líder de grupo de pesquisa do CNPq, assessor científico da FAPESP, orientador em Stanford e Binghamton, foi colaborador da UFPR, UFPel, docente da UNESP (1986-1992) e professor de pós das Universidades do Algarve (Portugal), Nacional de Catamarca, del Centro de la Provincia de Buenos Aires e UFRJ. Na Unicamp, Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos (2007/09), e no Nepam (2014/16), representante do IFCH na CADI (2005-2009) e dos titulares no DH (2015/6), membro da CAI/Consu (2009), Assessor do Gabinete do Reitor e Coordenador do Centro de Estudos Avançados da Unicamp (2009-2013). Apresentador do programa da RTV Unicamp

e Diálogo sem fronteira", desde 2011, com mais de 220 entrevistas. Participa do conselho editorial de mais de 50 revistas científicas estrangeiras e brasileiras. Membro dos conselhos de Encyclopaedia of Historical Archaeology, Oxford Encyclopaedia of Archaeology e Encyclopaedia of Archaeology (Academic Press). Foi Secretary, World Archaeological Congress (2002-2003), membro permanente do conselho da Union Internationale des Sciences Préhistoriques e Protohistoriques (UISPP) e sócio da ANPUH, ABA, SAB, SBPH, SHA, SAA, WAC, ABIB, AAA, Roman Society. Académico estrangeiro de la Academia de História de Cuba desde 2013. Líder de Grupo de Pesquisa do CNPq, sediado na Unicamp e vice-líder de dois outros.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acervo Arqueológico 1

Alforrias 123, 124, 125

Arqueologia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 22, 23, 24, 25, 30, 38, 39, 41, 42, 44, 59, 61, 63, 64, 67, 69, 72, 80, 83, 85, 86, 87, 94, 101, 102, 104, 105, 108, 109, 110, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 132, 133, 134, 136, 148

Arqueologia Cognitiva 104, 110

Arqueologia Colaborativa 11, 12, 13, 14, 23, 24

Arqueologia Pública 3, 11, 12, 23, 101

C

Comunidade 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 26, 27, 34, 35, 37, 38, 41, 43, 45, 46, 48, 49, 96, 97, 110

Comunidade Indígena 41, 43, 45, 46, 48

D

Deusas 136, 139, 144

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 8, 13, 17, 19, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 82, 86

Educação Patrimonial 25, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 82, 86

Epigrafia 123, 126, 127, 129, 132, 133

Escavidão Antiga 123, 124

Estados Alterados de Consciência 104, 108, 111, 112, 117, 121

Etnoarqueologia 40, 41, 42, 43, 59, 60, 148

Etno-História 42, 45, 59, 61, 63, 64, 83, 85, 148

Etno-História Indígena 61

F

Fúlvia 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145

I

Império Romano 123, 124, 127, 128, 129, 131, 134, 135

Índios Kaingang 61

Interdisciplinar 104, 109, 120

Interdisciplinaridade 104, 116

L

Laudos Judiciais 40

Libertos 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 135

M

Memória 10, 15, 16, 17, 22, 26, 33, 35, 37, 46, 85, 96, 101, 102, 121, 145, 148

Moedas 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Multivocalidade 11, 12, 13

P

Pantanal 40, 41, 43, 44, 45, 46, 52, 59

Pari 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 82, 85, 89

Pari-Armadilha de Pesca 61

Patrimônio 11, 12, 13, 14, 17, 19, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 85, 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 148

Patrimônio Arqueológico 13, 14, 23, 38, 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102

Patrimônio Cultural 11, 12, 14, 17, 19, 22, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 92, 94, 95, 96, 97, 102, 148

Patrimônio Imaterial 31

Povo Indígena Guató 40

Preservação 6, 13, 14, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 37, 38, 39, 72, 96, 97, 102, 115

S

Séculos XV-XVIII 104

Serra da Capivara 5, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23

Sistematização 96, 104, 112

Sustentabilidade 11, 12, 13, 14, 15, 23, 94

Sustentabilidade Cultural 11, 12, 13, 14, 15, 23

T

Terras Indígenas 40, 52, 59, 148

Testemunhos Arqueológicos 110, 112, 113

V

Vale do Rio Piquiri-PR 61

ARQUEOLOGIA:

Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



ARQUEOLOGIA:

Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

